

Os mitos que desmoronam com os resultados das urnas

Franklin Martins

A passagem dos candidatos do PRN, Fernando Collor de Mello, e do PT, Luís Inácio Lula da Silva, para o segundo turno das eleições presidenciais fez desmoronar alguns dos mitos mais renitentes da vida política brasileira. Lula e Collor são lideranças que se firmaram recentemente e ambos têm pouco mais de 40 anos. Até pela idade, são símbolos da onda de renovação política, que tanto entre progressistas quanto entre conservadores foi a marca registrada do primeiro turno das eleições, varrendo lideranças e costumes que há décadas povoam a vida política nacional. Esses são alguns dos mitos que desmoronam com o resultado das urnas:



Jânio Quadros — Desde que renunciou à Presidência da República, em 1961, que Jânio Quadros alimenta o sonho de voltar ao Palácio do Planalto. Depois de ter seus direitos políticos cassados durante o regime militar, pareceu ressurgir como político imbatível ao ganhar a Prefeitura de São Paulo, em 1985. Tudo indicava que o carisma do homem da vassoura estava em plena forma. Na sucessão presidencial, Jânio julgou que era a única opção viável para as forças conservadoras, preocupadas com o crescimento do PT e de Brizola. Viajou para o exterior, de onde esperava regressar triunfalmente como a única salvação contra a esquerda. Terminou atropelado pelos fatos. Sofreu um derrame que abalou sua saúde. E encontrou seu lugar tomado por um jovem de 40 anos, o governador de Alagoas, Fernando Collor de Melo. A pregação moralista e a condição de homem acima dos partidos — duas marcas registradas de Jânio — tinham trocado de mãos. O símbolo da vassoura tinha sido substituído pela caça aos marajás. O ex-presidente acabou apoiando Aureliano, que não teve nem um por cento dos votos. Aos 72 anos, o sonho de Jânio acabou.

Os videntes — A passagem de Collor e Lula para o segundo turno enterra um dos principais folclores da política brasileira: a legião de videntes, jogadores de búzios e cartomantes que, em suposto contato com entidades do além, costumam fazer retumbantes profecias sobre o resultado das urnas. Para começar, saiu desmoralizado o legendário Sana Khan que, na década de 60, previu que Jânio voltaria ao poder, depois de renunciar, e acabaria assassinado no seu segundo governo. Outra figura mitológica da quiromancia foi abatida pelo voto dos 82 milhões de eleitores brasileiros: a mineira Neila Alckmin. Ela disse que o presidente Juscelino Kubistchek, morto há 13 anos, apareceu-lhe numa visão, garan-

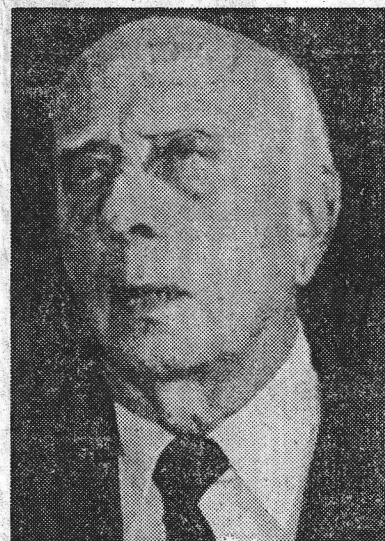
tindo-lhe que o próximo ocupante do Palácio do Planalto seria um jovem político cujos nomes teriam como iniciais as letras GAD. Neila concluiu que o eleito era Guilherme Afif Domingos e engajou-se de corpo e alma na campanha do candidato do PL. Subiu nos palanques e fez discursos, talvez conquistando, aqui e ali, entre os incautos, alguns votos para o seu candidato. Perdeu como cabo eleitoral e como vidente. O nome do próximo presidente terá como iniciais FCM ou LILS



Nova República — A Nova República, que Tancredo Neves anunciou durante um discurso de campanha em Vitória, capital do Espírito Santo, e que José Sarney prometeu instalar no país, ao tomar posse no cargo de presidente, foi enterrada pelas urnas. Antes, ela já tinha sido morta por suas ambiguidades, contradições e pequenas espeztejas. Tanto Collor como Lula chegaram ao segundo turno das eleições presidenciais porque, cada um a seu modo, conseguiram encarnar a desilusão de milhões de brasileiros que apostaram que a Nova República viraria uma página na história do país. Imagens do fundador da Nova República, Tancredo Neves, antes referência obrigatória na boca de qualquer político que pretendesse chegar ao coração do povo e conquistar votos, devem ter aparecido apenas meia dúzia de vezes durante o horário de propaganda eleitoral gratuita na TV. Quanto ao herdeiro que o destino concedeu a Tancredo, teve uma sorte pior. Sarney só surgiu na campanha como judas em sábado de aleluia. Entre 22 candidatos, não encontrou um só que defendesse, mesmo que timidamente, seu governo. Pode voltar como parlamentar do Maranhão.

Leonel Brizola — “Sou o amor secreto do povo brasileiro”. Essa frase, dita por Brizola a respeito dele mesmo, foi soterrada pelas urnas. Quando elas foram abertas, mostraram que apenas uma fração minoritária da população devota a Brizola paixão desenfreada. A

maioria não o deseja na Presidência da República. Desde o início da década de 60, Brizola, cunhado do então presidente João Goulart, sonha com a presidência. O golpe militar, que o afastou da vida política durante 15 anos e obrigou-o ao exílio, adiou esse projeto. Depois de seu retorno e, principalmente, de sua vitória na disputa do governo do Rio, tudo parecia indicar que o regime militar apenas havia adiado a marcha vitoriosa de Brizola rumo ao Palácio do Planalto. Campeão de intenções de votos nas pesquisas do início do ano, não conseguiu conquistar novas fatias do eleitorado. Acabou emparedado no Rio e no Rio Grande do Sul, que lhe deram votações consagradoras, mas insuficientes para compensar sua falta de penetração no resto do país. Em tese, ainda pode pensar em disputar a eleição presidencial em 1994. Mas terá, então, 72 anos



Ulysses Guimarães — Não se faz política sem vítimas” costumava dizer, a título de consolo, o deputado Ulysses Guimarães, aos seus companheiros que sofriam derrotas nas urnas ou precisam ser sacrificados diante das conveniências políticas do momento. A vítima agora é o próprio Ulysses, abafado pelos novos ventos que varreram o país com os resultados de 15 de novembro. Líder da resistência ao regime militar, campeão da campanha pelas eleições diretas, arquiteto da transição e fiador da eleição de Tancredo Neves, presidente do PMDB da Câmara e da Constituinte, Ulysses conheceu seu período de auge. Negociando cargos de primeiro, segundo e terceiro escalão, começou a descer ladeira abaixo no carinho do povo. Sua associação com o governo do presidente Sarney e seu gosto pelo jogo dos bastidores empurraram-no para a condição de político mais rejeitado do país. Como candidato, conheceu o calvário das traições dentro do partido que, outrora, coman-

dou com mão de ferro. Há 5 anos, era o mais querido dos políticos brasileiros, o **Senhor Diretas**. Agora, nas primeiras eleições diretas depois de 29 anos, teve apenas 4% dos votos.



Aureliano Chaves — Durante a campanha das diretas, as pesquisas de opinião apontavam o então vice-presidente Aureliano Chaves como o preferido da população para suceder o general Figueiredo. Agora, como candidato a presidente, ficou com menos de 1% dos votos, no pelotão dos lanterninhas. Junto com Aureliano, afunda o seu partido, o PFL, que abandonou-o à própria sorte. Alguns pefelistas viraram as costas para Aureliano pública, outros veladamente. O próprio presidente do PFL, senador Hugo Napoleão, patrocinou o lance mais espetacular de traição desta campanha tão cheia de traições: a desastrosa tentativa de substituir Aureliano pelo animador de TV Sílvio Santos. Aureliano continuou candidato, mas o PFL acabou como partido. Não poderia ser de outra forma com uma legenda que se enterra nas urnas e estava sendo dirigida por políticos como Napoleão e os senadores Edson Lobão e Marcondes Gadelha, que passaram a fazer parte do folclore da política brasileira como os três porquinhos.

Indústria do anticomunismo — O candidato do PCB, Roberto Freire, não teve um desempenho eleitoral espetacular. Mas conseguiu uma proeza: ajudou a enterrar a indústria do anticomunismo que, durante décadas, foi alimentada por empresários e políticos conservadores, e militares da chamada linha dura. Ajudou com o poder de sua argumentação, mas também com a votação que obteve. O perigo vermelho, que a histérica propaganda anticomunista sempre tentou apresentar como uma ameaça avassaladora para o

país, tem o tamanho de pouco mais de 1% dos votos no Brasil. Ajudado pelos novos ventos da perestroika que sopram dos países do Leste Europeu, Freire defendeu com competência a idéia de um socialismo renovado como caminho para o Brasil. Muitos eleitores, principalmente na intelectualidade e na classe média, reconheceram em Freire um bom candidato e gostaram de suas idéias, mesmo que não tenham votado nele. Parlamentar brilhante, bom argumentador, político moderno, o candidato do PCB saiu da campanha com um prestígio bem maior do que tinha quando entrou nela.



Ronaldo Caiado — O ortopedista e ruralista Ronaldo Caiado surgiu como um tufão na vida política brasileira, combatendo a reforma agrária, que a Nova República prometia realizar no país. A entidade que fundou para defender os interesses dos proprietários, a UDR, logo mostrou grande poder de mobilização. Odiado pela esquerda, Caiado tem o mérito de ser original no Brasil: não esconde que é de direita. Vitorioso na Constituinte, lançou-se candidato a presidente confiante na máquina da UDR. Pretendia encarnar a imagem do anti-político e montar na onda de renovação dos métodos políticos que o país desejava. Só conseguiu passar a imagem de um homem raivoso, sempre prestes a agredir seus adversários. Denunciou com grande estardalhaço o caso Lubeca, querendo mostrar corrupção na Prefeitura de São Paulo. Nada foi provado e o PT saiu ileso. Teve poucos votos no país. O destino imediato de Caiado é a volta à presidência da UDR, que mostrou ser menos forte do que parecia. Se fizer uma boa campanha, pode conquistar uma cadeira de deputado no ano que vem